

Um percurso do enunciado “Toca Raul”

(A course of the utterance “Toca Raul”)

Bruno de Sousa Figueira¹

¹Instituto de Letras e Linguística – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

br.sousafigueira@gmail.com

Abstract: This article presents some concepts proposed by Maingueneau (2008, 2010), focusing on the course and ethos, and analyzes the utterance “Toca Raul”, especially with regard to its circulation and interpretation. Said utterance, attributed to Brazilian singer and composer Raul Seixas, is characterized as an “omnipresent” catchphrase in Brazil, circulating in this sense by several discursive fields thus making it fruitful to analyze it from the course unit. It is still considered in the present study the hypothesis that the statement emerges from an irreverent/libertarian ethos.

Keywords: Discourse Analysis; Course; Ethos; Toca Raul.

Resumo: Este trabalho apresenta alguns conceitos propostos por Maingueneau (2008, 2010), com foco nos conceitos de percurso e ethos, e analisa o enunciado “Toca Raul”, em especial no que diz respeito a sua circulação e interpretação. O enunciado “Toca Raul”, atribuído à figura do cantor e compositor baiano Raul Seixas, é caracterizado como um bordão “onipresente” no Brasil, circulando, nesse sentido, por diversos campos discursivos e, por isso, é frutífero analisá-lo a partir da unidade percurso. Considera-se ainda, no presente estudo, a hipótese de que o enunciado emerge de um ethos irreverente/libertário.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Percurso; Ethos; Toca Raul.

Introdução

O mote do presente trabalho, fundamentalmente, é lidar com a ideia de fórmula e com as análises e os conceitos que se mostram frutíferos a essa noção. Para tal, é preciso entender inicialmente o que Maingueneau (2008) irá denominar pelo termo “fórmulas”; esclarecemos que essa expressão é só uma maneira primeira para se entrar na teoria que diz respeito aos enunciados destacados, questão que será especificada no decorrer do trabalho. Nesse sentido, é fundamental ressaltar que tal termo refere-se a enunciados curtos que costumeiramente circulam na sociedade. As fórmulas, por estarem presentes no interior de uma organização pregnante, são facilmente memorizadas, sendo abarcadas por enunciados escritos e falados, circulando, pois, em vários setores do espaço social ou ainda no interior de uma comunidade discursiva restrita.

Enunciados curtos, assim como quaisquer outros, são geralmente destacados de algum texto. No entanto, de acordo com Maingueneau (2008), esse trabalho de destaque não se aplica a qualquer material verbal; a maior parte das fórmulas corresponde a enunciados que, devido a suas propriedades linguísticas, apresentam-se como destacáveis em seu texto de origem. Sob essa visão, o autor define uma categoria de enunciados que denomina como enunciados destacados. Sem a intenção de ser redundante, é fundamental deixar claro que esses enunciados se caracterizam, de um modo geral, por serem curtos, nas modalidades oral ou escrita, e são retirados (destacados) de seu contexto original. Entretanto, esse destacamento, que pode ser por extração ou constitutivo (este segundo

tipo refere-se aos provérbios e a todas as fórmulas que, por sua natureza, não possuem contexto situacional nem contexto original), não acontece de maneira indiferenciada em um texto; alguns fragmentos, em função de características de diversas ordens, são (mais) suscetíveis a essa operação. Esse fenômeno foi inicialmente chamado por Maingueneau de sobreasseveração. No entanto, devido à insuficiência dessa noção para descrever/analisar o funcionamento efetivo dos enunciados destacados, o autor introduz um novo conceito – o de aforização –, que designa um regime enunciativo específico cujo efeito é “destextualizar” o texto, por minar a compacidade da textualização.

Apresentadas essas breves considerações sobre “fórmulas”, e considerando-se as propostas de Dominique Maingueneau sobre os conceitos de aforização e destacabilidade, presentes em artigos do autor nas obras *Cenas da enunciação* (2008) e *Doze conceitos em Análise do Discurso* (2010), temos quatro objetivos, portanto, a saber: i) levantar questões acerca do bordão “Toca Raul”, que circula na sociedade, segundo nossa hipótese, como um enunciado destacado; ii) analisar a circulação desse enunciado a partir da consideração de uma unidade de análise, a saber, a de *percurso*, tal como definida por Maingueneau (2008) e que será detalhada na próxima seção do trabalho; iii) levantar indícios para confirmar ou refutar a hipótese de que o enunciado em estudo releva de um *ethos* irreverente/libertário; e iv) dar maior visibilidade à noção de percurso, pouco explorada em estudos no campo da Análise do Discurso (AD).

A abordagem desse enunciado se dará a partir das postulações teórico-metodológicas de Maingueneau (2008, 2010) sobre *percurso* e, fundamentalmente, a partir de um dispositivo de análise proposto em Pêcheux (2002 [1983]), segundo o qual a análise contempla um batimento entre os momentos de descrição e interpretação do objeto, sem, entretanto, considerar que esses movimentos sejam indiscerníveis, de modo que analisaremos o enunciado em questão descrevendo-o e interpretando-o simultaneamente.

Os conceitos: em pauta as noções de *percurso* e *ethos*

Para compreender melhor a noção de percurso, vamos apresentar a distinção que Maingueneau (2008) propõe no campo da AD entre as unidades tópicas e as unidades não-tópicas. As primeiras possuem essa denominação por corresponderem, de acordo com o autor, a espaços já “predelineados”, seja pelos tipos de discurso, seja pelos gêneros do discurso, seja pelos registros linguísticos: funcionais ou comunicacionais. As unidades não-tópicas, por sua vez, se diferenciam das tópicas por serem construídas pelos pesquisadores, independentemente de fronteiras preestabelecidas. Fazem parte das unidades não tópicas as formações discursivas e os percursos.

Para esclarecer sobre as formações discursivas, o autor cita unidades como os discursos racista, colonial e patronal, que correspondem a *corpora* que podem conter um conjunto aberto de tipos de discurso (o político, o religioso, o pedagógico, etc.); um conjunto aberto de gêneros do discurso (manifestos, sermões, aulas, por exemplo); de campos e de aparelhos, de registros, etc. Tais unidades podem também misturar *corpora* de arquivos e *corpora* construídos pela pesquisa (sob a forma de testes, entrevistas, questionários). É, pois, para esse tipo de unidade (como os discursos supracitados), sob a qual se abrigam elementos de diversas naturezas e dimensões, que o termo ‘formação discursiva’ parece convir para o autor.

Já sobre percurso, Maingueneau (2008) pondera que trabalhar a partir dessa unidade de análise implica o estabelecimento em rede de unidades de diversas ordens, tais como: lexicais, proposicionais, fragmentos de textos, extraídas do interdiscurso, sem se preocupar em compor totalidades de coerência. Assim, o objetivo do pesquisador deve ser, na verdade, o de desestruturar as unidades instituídas, definindo percursos não esperados; para o analista, a interpretação baseia-se, assim, sob a atualização de relações insuspeitas no interior do interdiscurso. Segundo Maingueneau (2008, p. 23), podemos considerar ainda:

[...] os percursos de tipo formal (por exemplo, tal tipo de metáfora, tal forma de discurso relatado, de derivação sufixal...); mas, nesse caso, se não trabalharmos com um conjunto discursivo bem especificado (em particular um gênero de discurso ou um posicionamento), cairemos em uma análise puramente linguística. Podemos igualmente considerar percursos fundados sobre materiais lexicais ou textuais (por exemplo, a retomada ou as transformações de uma mesma fórmula em uma série de textos, ou ainda as diversas recontextualizações de um “mesmo texto”).

Atualmente, os trabalhos a partir da unidade de percurso são, de acordo com Maingueneau (2008, p. 23), “consideravelmente facilitados pela existência de programas de informática que permitem tratar corpora muito vastos”. No caso específico do presente estudo, verificamos a ocorrência do enunciado “Toca Raul” por meio de ferramentas de busca on-line. O bordão, atribuído à figura do cantor e compositor baiano, Raul Seixas, quando pesquisado no site de buscas *Google*, possui aproximadamente 4.140.000 resultados de ocorrências, enquanto que o nome do cantor, Raul Seixas, apresenta um número menor, a saber, aproximadamente 3.220.000 resultados. Além desse dado, artigos jornalísticos caracterizam este bordão como “onipresente” no Brasil, circulando em shows, festas, rodas de violão, etc., tendo sido, além disso, citado em músicas como “Toca Raul”, de Zeca Baleiro, e “Eu não toco Raul”, de Fabiano Cambota.

Em minha análise, mobilizaremos ainda o conceito de *ethos* discursivo, tal como formulado por Maingueneau. Segundo o autor, todo discurso está relacionado a uma “voz” ou “tom”, decorrente de seu modo de enunciação, que nos permite remetê-lo a uma fonte enunciativa que dá autoridade ao que é dito, isto é, a uma “instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito” (MAINGUENEAU, 2011 p. 98). Essa instância subjetiva não está relacionada a um autor efetivo, trata-se de uma representação que o leitor faz do enunciador a partir de índices textuais de diversas ordens – léxico, estrutura sintática, modos de enunciação, etc. Em outras palavras, o *ethos* é parte constitutiva da cena de enunciação, e, segundo Maingueneau (2005, p. 75), “com o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência”. Assim, o discurso pressupõe essa cena de enunciação para ser enunciado e, dessa forma, deve validá-la. Com base nesse conceito, buscaremos sustentar, então, por meio da análise a seguir, que o bordão “Toca Raul”, em seu percurso, releva de um *ethos* irreverente/libertário.

“Toca Raul”: a dimensão do enunciado

Ao pesquisar “Toca Raul” na ferramenta de buscas do site *Google*, encontramos mais de 4 milhões de ocorrências da expressão e, por isso, provavelmente, justifica-se

trabalhar com percurso, que é, como já apresentamos, uma unidade não-tópica de análise. Nesse sentido, apresentaremos em nossa análise diversas ocorrências do enunciado em estudo, buscando, além de refletir sobre seu percurso, pensar na hipótese de que há a emergência de um *ethos* irreverente/libertário.

Inicialmente, observaremos que muitas reportagens, textos em blogs, declarações de fãs clubes atestam que o bordão “Toca Raul” é ecoado em shows, festas, festivais e rodas de violão e, assim, acreditamos ter uma fórmula para ser analisada a partir do percurso. O jornalista Marcelo Tas, por exemplo, em uma postagem no seu blog intitulada “Toca Raul” diz:

Eu acredito que o bordão ‘Toca Raul’, onipresente em shows, rodinhas de violão, festinhas de aniversário, etc... pelo Brasil afora, tem tanto a ver com a nossa vontade de ouvir uma música do cara quanto o desejo que o espírito irreverente e libertário dele reapareça para resgatar nossas almas penadas da vidinha besta e medíocre do cotidiano.

Apoiados nessa declaração, supomos que do bordão “Toca Raul” releva um *ethos* irreverente/libertário quando enunciado em shows, festas, rodinhas de violão, etc. O bordão é enunciado por fãs que realmente querem que demais artistas toquem as músicas de Raul Seixas e/ou que querem demonstrar esse espírito irreverente/libertário evocando o seu ídolo, mesmo sabendo que, talvez, o músico presente não irá atender ao seu pedido. Ademais, o bordão tem uma presença tão forte que, acreditamos, um não fã de Raul pode proferi-lo apenas por ser comum a sua repetição, algo típico do bordão. Também, nesse caso, o *ethos* que releva dele nos parece ser um *ethos* irreverente/libertário.

Para elucidar e explicar melhor a dimensão e a forte presença do bordão no campo da música, bem como dar sustentação à análise do percurso que faremos, recorreremos também à reportagem do portal de notícias G1, de agosto de 2009, intitulada *Será uma tradição do público brasileiro ou uma maldição deixada como herança do roqueiro baiano?*, que investiga a origem do famoso grito a partir de diversos depoimentos de pessoas autorizadas a enunciarem do/no interior do campo em questão, mais especificamente, pessoas ligadas de alguma forma à obra e à figura de Raul Seixas.

Inicialmente, selecionamos o depoimento do cantor Tico Santa Cruz sobre o bordão. Tico é vocalista da banda Detonautas Rock Clube, e também líder de uma banda paralela batizada de Tico Santa Cruz e o Rebu, em homenagem a um dos álbuns de Raul Seixas. Segundo Tico (apud STAMBOROSKI JR., 2009), “Raul Seixas morreu ignorado, sozinho. A gente brinca que essa foi a maldição que ele deixou [...] É melhor perguntar se existe algum show em que ninguém grite. Quando começam a pedir, a gente toca as músicas dele”.

Um dos maiores conhecedores da obra e da figura de Raul Seixas, Sylvio Passos (apud STAMBOROSKI JR., 2009), presidente do maior fã-clube do cantor baiano, comenta que “ninguém pode afirmar com segurança de onde veio esse ‘Toca Raul’, mas que virou uma mania nacional, isso virou”. Passos (apud STAMBOROSKI JR., 2009) diz ainda que:

De shows com estrelas internacionais, passando por rodinhas de violão, barzinhos, casas noturnas, salão de festas... Sempre tem alguém que grita. Acho natural músicos e artistas se irritarem com isso. Outros acham graça. Eu, pessoalmente, acho muito bom, embora

eu nunca tenha cometido essa indelicadeza em locais que nada têm a ver com o universo de Raul Seixas.

Marco Mazzola, amigo de Raul Seixas e produtor dos primeiros discos do cantor, acha que o grito já é algo tradicional. Mazzola (apud STAMBOROSKI JR., 2009) diz ainda que:

A obra do Raul Seixas é muito forte. Basta ver quantos artistas gravaram músicas dele. Tem Nando Reis, Frejat, até Chitãozinho e Xororó. Uma grande parcela da juventude de hoje gosta dele. Para ser fã de Raul, não tem idade. Hoje, 20 anos depois de sua morte, a obra dele continua atual.

O jornalista e músico China (apud STAMBOROSKI JR., 2009) diz que já ouviu esse grito mais de mil vezes:

Acho que existe desde que eu me conheço por gente. Não sou fã de Raul como de Roberto, Erasmo, mas admiro muito a obra dele. Não dá para se irritar com o “Toca Raul!”, senão tu vai ter de parar o show a cada cinco minutos. Acho que hoje já virou um bordão, nem é coisa de fã de Raul só, tem gente que faz pela galhofa, pela brincadeira. As pessoas chegam a gritar “Toca Raul!” em show do Del Rey, que já é um cover de Roberto Carlos.

Tatá Aeroplano (apud STAMBOROSKI JR., 2009), que criou a banda Jumbo Elektro, inspirada em um álbum de Raul, também dá a sua opinião. O músico acredita que “antes era uma coisa séria, e depois o conceito se transformou”. Para Tatá Aeroplano, quem pede para tocar Raul no meio de um show quer quebrar o protocolo. “Com certeza isso vai passar de geração em geração, porque até os mais novos gritam”. O cantor conta ainda que a banda Jumbo Elektro tocou uma vez num tributo ao Raul Seixas para os fãs mais chatos: “a gente tocava Raul e os caras continuavam pedindo Raul! Acho legal porque é algo fora de controle, e já faz parte do ramo de shows na música brasileira”, opinou.

Ainda para ilustrar a dimensão do bordão, recorreremos a uma seção no site da revista *Carta Capital* (de setembro de 2013), chamada Blogs do Além, que satiriza opiniões póstumas. No trecho abaixo, temos Raul Seixas “encarnado” opinando sobre o bordão:

O que me dá um certo bode é que Toca, Raul! virou também uma espécie de piada do tipo é pavê ou pra comer. O sujeito não economiza no bordão. E o dispara em qualquer ocasião. Show no barzinho, roda de samba, balada sertaneja, desfile militar. Seu uso excessivo, além de desgastar o sentido original, se é que teve, cria certa animosidade com minha obra. Gente que nunca ouviu Ouro de Tolo e Krig-ha, Bandolo! já nem quer conhecer minhas músicas por conta dessa turma do pavê. Repetem tanto esse mantra por aí que os Detonautas vão fazer um tributo a mim no Rock in Rio.

Observemos que em alguns dos depoimentos da reportagem do portal jornalístico G1 fica claro o quanto este bordão se faz presente em diversos contextos de manifestação cultural, ora encarado com bom humor, ora como inoportuno, mas sempre fazendo vir à tona o espírito irreverente de Raul Seixas, fato que caminha na mesma direção que aponta a nossa hipótese sobre o *ethos* irreverente/libertário que emerge desse bordão.

Na tentativa de também olhar para o enunciado em estudo a partir da unidade percurso, apresentaremos um panorama em que a fórmula aparece em vários campos e em contextos diferentes.

“Toca Raul”: um percurso do enunciado

Iniciamos essa seção do trabalho detalhando um pouco mais sobre o conceito de percurso, que já fora apresentado anteriormente. Possenti (2013, p. 3), em seu artigo *Um percurso: o caso “Por qué no te callas?”*, detalha a teoria ao ponderar que:

[...] não se trata de dizer que o enunciado não “pertença” a uma FD ou a um posicionamento. O que ocorre é que pode ser retomado em várias FDs ou em vários posicionamentos, estabelecendo a cada vez novas relações com os enunciados típicos dessas FDs ou desses posicionamentos, produzindo, portanto, efeitos de sentido específicos, conforme a rede discursiva ou interdiscursiva que se estabelece a cada enunciação.

Nesse sentido, o trabalho com percurso tem o objetivo de explorar uma dispersão, uma circulação, e não de relacionar uma sequência verbal a uma fonte enunciativa. A partir dessa ideia, buscaremos demonstrar a produtividade do conceito de percurso, conforme a circulação do enunciado “Toca Raul” que, como já atestamos, remete a um bordão relacionado ao cantor Raul Seixas. Chamamos a atenção, em nossa análise, para o fato de que o enunciado em estudo não possui fronteiras preestabelecidas, circulando, assim, em vários campos discursivos e em diferentes contextos.

Nas diversas declarações sobre o bordão “Toca Raul”, pudemos observar que ele tem grande circulação no campo da música, emergindo, muitas vezes, em apresentações musicais de todos os tipos, profissionais (shows) ou amadoras (rodas de violão). Pensando ainda no campo da música, encontramos o enunciado também em letras de canções, como nas músicas do cantor Zeca Baleiro e da banda Pedra Letícia, que têm “Toca Raul” (e variações), desde o título até em trechos da própria música:

- (01) Mal eu subo no palco / Um mala, um maluco já grita de lá – Toca Raul! / A vontade que me dá é de mandar / O cara tomar naquele lugar / Mas aí eu paro penso e reflito / como é poderoso esse Raulzito / Puxa vida esse cara é mesmo um mito [...] (Zeca Baleiro, *Toca Raul*).
- (02) Eu não toco Raul / cês me desculpem... / Eu acredito quando você diz que ele é legal / Eu não toco Raul / cês não me culpem / A banda preza pelo estilo Sidney Magal (Fabiano Cambota, *Eu não toco Raul*).

As duas letras corroboram como argumentos a nossa hipótese de que o enunciado “Toca Raul” circula no campo da música. Ambas revelam cenas em que há a presença marcante do bordão em shows musicais, ademais, também podemos pensar em dois possíveis efeitos de sentido em cada uma delas. No caso da letra de Zeca Baleiro, vemos o reconhecimento da idolatria por Raul Seixas – apesar da inconveniência do fã em gritar “Toca Raul”, – o sujeito-autor reconhece em Raul um ídolo – “esse cara é mesmo um mito” – e, na outra canção, de Fabiano Cambota, podemos pensar na construção de uma cena em que há a imagem do fã ou do não fã (considerando que ambos podem proferir o bordão) importuno, que é inconveniente com os artistas ao gritar “Toca Raul” nos shows. Talvez, por isso, a letra já se configura como uma resposta a esse pedido: “Eu não toco Raul”.

Ainda no campo da música, vemos o enunciado, na variação “Toca Rauuul”, intitular bloco de carnaval. O bloco “Toca Rauuul”, conforme a página em uma rede social do grupo, com origem na cidade do Rio de Janeiro, formado por 15 componentes, faz releituras das músicas de Raul Seixas em diversos ritmos carnavalescos, tais como frevo,

samba, marchinha e maracatu. O repertório atravessa todas as fases da carreira de Raul e a apresentação conta ainda com um forte apelo visual, com figurinos, cenografia, adereços, bonecos e efeitos visuais. O enunciado “Toca Raul”, nesse contexto, nos faz pensar sobre as diversas ocorrências da expressão no mesmo campo (o da música) e, além disso, reforça o seu *ethos* irreverente/libertário, já que, segundo a nossa concepção, um bloco de carnaval pretenda ser, de fato, irreverente.

O enunciado na sua forma “Toca Raul” ou em variações como “Toca Raul Seixas” também circula pelo campo jornalístico, como podemos observar nas manchetes abaixo, recortadas de portais de notícias on-line, que anunciam que o cantor norte-americano Bruce Springsteen homenageou Raul Seixas em turnê pelo Brasil em 2013, cantando a canção do músico brasileiro “Sociedade Alternativa”, em show na cidade de São Paulo e no Festival Rock in Rio, no Rio de Janeiro:

- (01) Bruce toca Raul e a gente chora - Blog do jornal Folha de S. Paulo;
- (02) Bruce Springsteen toca Raul Seixas em SP – Revista Veja online;
- (03) Em show de mais de três horas, Bruce Springsteen toca Raul e celebra noivado – Revista Rolling Stones online;
- (04) Bruce Springsteen “toca Raul” durante show em São Paulo – Portal Cifra Club News;
- (05) Perto do público, Bruce Springsteen toca Raul Seixas no Rock in Rio - Jornal O Dia Online.

Podemos perceber, com o exemplo das cinco manchetes, que todas anunciam o mesmo fato utilizando-se do enunciado “Toca Raul”. Chamamos a atenção ainda para a manchete do portal *Cifra Club News*, que coloca a expressão entre aspas, o que alimenta a nossa hipótese de que o enunciado em estudo possui um caráter aforizante. Ademais, vemos que “Toca Raul” circulou em outro campo, diferente do campo da música, dessa vez, no jornalístico, fato que serve para justificar, mais uma vez, o olhar teórico para esse enunciado destacado a partir da unidade percurso.

Podemos observar que, no campo da publicidade, o enunciado “Toca Raul” também tem circulação, sobretudo quando estampa cartazes de festivais e tributos em homenagem ao cantor Raul Seixas. Vejamos alguns exemplos:



Figura 1. Cartazes publicitários de festivais em homenagem ao cantor Raul Seixas

As várias ocorrências do enunciado “Toca Raul” em festivais em homenagem a Raul pelo Brasil afora revelam certa institucionalização do bordão, que passa a funcionar como uma espécie de marca, em publicidades desses eventos. Como circula socialmente como um enunciado destacado, sob o ponto de vista do discurso publicitário, é interessante mobilizá-lo, estampá-lo em cartazes e folders para divulgar shows em homenagem ao cantor. Ainda pensando no campo da publicidade, essa “marca” faz com que o enunciado “Toca Raul” esteja presente em diversos produtos, conforme ilustra a imagem abaixo:



Figura 2. Produtos estampados com o enunciado “Toca Raul”

Podemos observar nas figuras acima que, além de “Toca Raul” ganhar certo estatuto institucional ao ilustrar cartazes publicitários, ele se materializa como uma marca e estampa diversos produtos, fato que reafirma, como já apontamos, sua circulação por vários campos discursivos. Outra questão que podemos pensar é que as camisetas, canecas, bótons, etc. também “vendem” a ideia de irreverência, ou seja, novamente vemos que releva do enunciado em estudo um *ethos* irreverente/libertário.

Outro campo em que podemos ver circular o enunciado “Toca Raul” é o literário. Para citar ao menos um exemplo, temos o livro de crônicas inspiradas no cantor baiano intitulado “Toca Raul”, de autoria do professor do Departamento de Ciências Sociais, do CCH da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Cabaret Valentino. O livro é resultado da colaboração do autor como roteirista da coluna radiofônica “Estação Raul”, veiculada há mais de quatro anos pela Rádio UEL FM, e leva como título o enunciado ob-

jeto de nosso estudo. Visto isso, podemos considerar que, de fato, o bordão “Toca Raul”, proferido em shows e rodas de violão pelo Brasil afora, circula também em outros campos discursivos, emergindo ainda em diversos contextos que, segundo nossa análise, relevam um *ethos* irreverente/libertário.

Breves considerações e questionamentos finais

A partir das breves análises realizadas, percebemos que o bordão “Toca Raul” é recebido e posto a circular novamente assumindo outras formas. Em outras palavras, o enunciado, diferente de unidades tópicas, não possui fronteiras preestabelecidas, circulando, assim, em vários campos discursivos: campo da música, campo jornalístico, campo publicitário e campo literário.

Acreditamos que “Toca Raul” trata-se de um enunciado destacado constitutivo, por não possuir contexto situacional nem contexto original. Seu percurso acabou constituindo esse enunciado como uma espécie de bordão que, de forma cíclica é enunciado em diferentes campos, como já citamos. No entanto, apesar de “Toca Raul” ser enunciado em diversas condições de produção, o *ethos* que dele releva é, fundamentalmente, em todos os casos, um *ethos* irreverente/libertário, o que confirma a nossa hipótese.

Consideramos ainda que este trabalho dá visibilidade a um conceito pouco explorado no campo da AD, que é a unidade *percurso*. Como apresentamos no decorrer do trabalho, no caso de enunciados destacados, sem fronteiras predelineadas, analisar tal objeto a partir da unidade *percurso* é muito produtivo. No caso do presente estudo, o objeto em questão é de certa forma estável no que diz respeito aos efeitos de sentido, atestamos isso a partir do *ethos* construído na/pela enunciação. No entanto, o analista pode se deparar com um caso, por exemplo, em que o enunciado de análise não “pertença” a uma FD (Formação Discursiva) ou a um posicionamento “estabilizados”, isto é, um determinado enunciado, dependendo de seu percurso, pode revelar que é retomado em várias FDs ou em vários posicionamentos, produzindo, assim, efeitos de sentido específicos a cada FD.

Dentre alguns questionamentos que são possibilitados por este estudo, e que ficam em aberto para que em outra pesquisa possam ser investigados, destacamos dois: i) por que o bordão “Toca Raul” circula há tanto tempo e pode ser considerado onipresente em diversas manifestações culturais no Brasil? e ii) qual a imagem de autor que se constrói de Raul Seixas, por meio da circulação desse enunciado, que estampa produtos, que é título de festivais, que circula em discursos publicitários?

REFERÊNCIAS

- MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. Unidades tópicas e não tópicas. In: _____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 11-26.
- _____. Aforização – enunciados sem texto?. In: _____. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 9-24.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2011.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

POSSENTI, S. Um percurso: o caso “por qué no te callas?”. *Revista Latinoamericana de Estudios Del Discurso*, Caracas, v. 8, n. 2, p. 109-117, 2013. ISSN 1317-7389.

STAMBOROSKI JR. L. *G1 investiga a origem do famoso grito ‘Toca Raul!’*. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/noticias/musica>>. Acesso em: 18 jun. 2014.